



XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã

Tema central:

**Comunicação e as lutas por cidadania na disputa de hegemonias
19 a 21 de outubro de 2022**

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**
Universidade Estadual de Londrina – **UEL**
Programa de Pós-Graduação em Comunicação – **PPGCom UEL**

EPISTEMOLOGIA DO SUL NO CONTEXTO DA DECOLONIDADE E INTERCULTURALIDADE Uma revisão de literatura¹

Adriana Cristina Alves do Amaral²

Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

Resumo:

Este artigo tem por objetivo refletir sobre os conceitos de Epistemologia do Sul, Decolonidade e Interculturalidade. Acreditamos que eles se conectam entre si através do desenvolvimento do saber científico, corroborando para o debate reflexivo do modelo capitalista colonialista e patriarcal. Embora seja um universo global, nosso interesse é trazer a análise para a América Latina, seus impactos na sociedade local, sobretudo na vida do imigrante latino-americano. Recorreremos à Análise de Literatura para estudar os conceitos, partindo do pensamento de autores como Santos, Quijano e El Hajji, além de autores complementares. Pretendemos instigar o debate sobre a influência acadêmica na construção e reflexão sobre os modelos sociais perpetuados ou em transformação. Consideramos que a teoria é catalisadora de mudanças e que a ciência é viva e tem papel fundamental na construção social.

Palavras-chave: Comunicação; Epistemologia do Sul; Decolonidade; Interculturalidade; Imigrantes latino-americanos.

Introdução

O processo de globalização nos prometeu uma sociedade sem fronteiras, mas foi o universo virtual que propiciou a sensação de que não existem limites geográficos, pela presença cotidiana da Internet e tecnologias digitais disponíveis em nossas vidas. Refletimos sobre o conceito de Epistemologia do Sul, de Boaventura de Souza Santos, e o conectamos ao conceito de

¹ Trabalho submetido ao GP 1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo, mestre em comunicação social pela UMESP, jornalista profissional. Email: adrianaalvesdoamaral@gmail.com

Decolonidade, a partir da leitura de Anibal Quijano. Temos como foco principal o universo da América Latina que, durante cinco séculos, foi dominada, explorada, embranquecida, pasteurizada pelas construções culturais, sociais e econômicas dominantes, como sinalizam os autores. Para isso, trazemos para este estudo o conceito de Interculturalidade, através dos estudos de El Hajji, pois entendemos que esses conceitos se conectam e se complementam.

Por meio da metodologia da revisão de literatura, buscamos pensar as fronteiras idealizadas e refletir como a ciência da comunicação corrobora para mantê-las, repensar ou derrubá-las. Partimos do conceito de Epistemologia do Sul, no capítulo inicial, seguindo com a abordagem sobre Decolonidade e Interculturalidade para finalizar com o diálogo entre eles, que acreditamos ser convergentes e atuais. O objetivo é gerar a reflexão sobre o papel da comunicação como ferramenta do desenvolvimento social e seus impactos no universo da imigração.

Com este estudo, buscamos entender o fenômeno histórico que nos fez – o povo latino-americano – como diz Santos, sub-humanos se comparados ao Norte Global. Revisamos a construção histórica com base no desenvolvimento a partir da colonização, e também, como o sistema capitalista traçou fronteiras abissais que, de certa forma, impõem ao sul geográfico reproduzir o mesmo padrão de exploração.

Decolonizar seria o bastante para reverter esse processo histórico? Com o apoio teórico de Quijano, compreendemos a maneira de transformar as relações instituídas a partir do conhecimento e valorização multicultural e como, talvez, essa seria a maneira de nos libertarmos e, inclusive, nos tornarmos autossuficientes, revertendo o processo colonial, patriarcal, capitalista.

Questionamos também o papel da ciência da comunicação nesse processo, a partir da leitura de ElHajji. Seria a Interculturalidade o caminho para garantir a pluralidade que respeita as origens e o desenvolvimento cultural dos povos?

Buscamos, nesse processo, sinalizar os achados científicos e delinear caminhos de diálogo científico. Quinhentos anos se passaram, mas o conhecimento seria uma ferramenta capaz de mudar o rumo da história gerando uma sociedade menos exploratória e mais civilizatória? Esta também é uma reflexão pretendida ao longo deste artigo.

1. O Sul conquistado e o Sul a conquistar: entendendo o conceito

Ao palestrar para acadêmicos e universitários, em 2019³, Boaventura de Souza Santos alertou que a ausência de barreiras se dá apenas idealmente no contexto da internet e do “capitalismo sem fronteiras”. Para o autor, vivenciamos uma “ambivalência do muro e da

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i7P4uuDkuK8>.

fronteira”, uma “ferida do nosso tempo”. Realidade exposta e que se impõe principalmente nos imigrantes que, para sobreviver, arriscam suas vidas em projetos e se confrontam com obstáculos físicos, virtuais e comportamentais.

Reverendo alguns componentes da obra de Santos, consideramos que as práticas e os atores sociais formam a matéria-prima do conhecimento. O desafio da Epistemologia do Sul e a perpetuação do pensamento hegemônico do Norte frente ao Sul, entendemos parte da compreensão de como o poder dominante acaba norteando a construção de um conhecimento dirigido, em detrimento da diversidade cultural.

Para o autor, “qualquer conhecimento válido é sempre contextual, tanto em termos de diferença cultural quanto em termos de diferença política” (SANTOS; MENESES, 2009, p. 9) e a Epistemologia do Sul é diversidade epistemológica. Um desafio constante é discernir sobre a homogeneização científica que, explica o autor, também foi direcionada pela história colonialista e patriarcal e construída com a visão econômica capitalista.

O importante numa avaliação histórica do papel da ciência é ter presente que os juízos epistemológicos sobre a ciência não podem ser feitos sem tomar em conta a institucionalidade. A epistemologia que constituiu à ciência a exclusividade do conhecimento válido traduziu-se num vasto aparato institucional – universidades, centros de investigação, sistemas de peritos, pareceres técnicos- e foi ele que tornou mais difícil ou mesmo impossível o diálogo entre a ciência e os outros saberes (SANTOS; MENESES, 2009, p.11).

Após séculos de conquista considerada opressiva, uma realidade estudada e denunciada por Santos, autores sinérgicos, principalmente latino-americanos ou estudiosos voltados para o universo da América Latina, sinalizam mudanças na abordagem e construção científica. Mas a ciência que abrange a diversidade cultural ainda esbarra no neoliberalismo e na homogeneização do mundo virtual, que também interferem na formação cultural global, modificando-a e/ou padronizando-a.

O legado, desafio e prática da Epistemologia do Sul, é repensar a diversidade epistemológica do mundo. O que nos interessa sobremaneira quando pensamos em sua relação com a ecologia dos saberes⁴. Um pensamento e fazer científico que desconstrói o hegemônico ao priorizar o diálogo e valorizar as múltiplas culturas.

Consideramos ser uma abordagem científica que nos lança ferramentas para o combate à dominação capitalista, colonialista e patriarcal, denunciadas por Santos, mas também ao machismo e dominação política, econômica e tantas formas de opressão que cada vez mais uma parcela da sociedade atual busca combater. Afinal, “pensamento moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que dividem o mundo humano do sub-humanos” (SANTOS, 2009, p.31).

⁴ Conceito que busca promover o diálogo entre os saberes, rompendo com o hegemônico e buscando a diversidade científica.

Chamamos a atenção à sinergia com o conceito de “encobrimento do outro”, “alteridade” e “filosofia da libertação”, definidos por Enrique Dussel, que também denuncia e questiona o eurocentrismo. Acreditamos que a ação exploratória não se limitou aos limites geográficos, mas se ramificou pelo conhecimento científico e interferiu na formação da pirâmide social, em que o poder econômico também afeta a construção da ciência, inclusive da comunicação. Afinal, remetendo a Freire, nos reconhecemos mutuamente. Só assim valorizamos-nos e aprendemos com a diversidade.

Para a ‘filosofia da libertação’, que parte da Alteridade, do ‘compelido’, a partir da afirmação da alteridade e, ao mesmo tempo, da negatividade, a partir da sua impossibilidade empírica concreta, pelo menos do ponto de vista de que o ‘excluído’ e o ‘dominado’ possa efetivamente intervir... (DUSSEL, 1993, p.9).

Como sugere Santos, regatar a identidade social e histórica seria um contraponto. O autor pontua algumas das linhas abissais a serem combatidas: lógica da apropriação/violência/emancipação em detrimento da lógica da regulamentação/emancipação (SANTOS, 2009, p.33).

De certa forma, as linhas abissais são as fronteiras de pensamento que distinguem o pensar (desenvolvimento) civilizatório entre o velho e novo mundo, colocando a sociedade de lados opostos.

O contato hegemônico converte simultaneidade e não-contemporaneidade, inventando passados para dar lugar a um futuro único e homogêneo. Assim, o fato de que os princípios legais vigentes na sociedade civil deste lado da linha não se aplicam ao outro lado, não compromete sua universalidade (SANTOS, 2009, p.74).

Como definiu Santos, onde existe a “impossibilidade da co-presença”. E avalia que a sociedade atual ainda reproduz as práticas e saberes do período colonial.

A apropriação e a violência assumem formas diferentes nas linhas abissais jurídica e epistemológica, mas em geral a apropriação envolve incorporação, cooptação e assimilação, enquanto a violência implica destruição física, material, cultural e humana. Na prática, é profunda a ligação entre a apropriação e a violência. No domínio do conhecimento, a apropriação vai desde o uso de habitantes locais como guias e de mitos e cerimônias locais como instrumentos de conversão até a pilhagem de conhecimentos indígenas sobre a biodiversidade, ao passo que a violência é exercida mediante a proibição das línguas próprias em espaços públicos, a adoção forçada de nomes cristãos, a conversão e a destruição de símbolos e lugares de culto e a prática de todo tipo de discriminação cultural e racial (SANTOS, 2009, p.75).

As ciências, o direito, a comunicação e sobretudo a economia, concordamos, perpetuam as linhas abissais, traçando linhas que separam os humanos e sub-humanos. Entre aqueles que se apropriam das riquezas e valores e mantêm-se no poder desde os tempos da colonização e suas práticas de exploração.

2. Colonialidade e a América Latina

Apesar da forma metafórica utilizada por Santos, interessa-nos trazer este debate, geograficamente falando, para o hemisfério Sul. Examinamos como a epistemologia construída projetou uma América Latina estrangeira que escondeu os próprios saberes e, aos poucos, começa a valorizá-la em detrimento da cultura do colonizador. Uma nova abordagem acadêmica corrobora para desvelar práticas passadas, atualizar a pesquisa e valorizar a diversidade local. O conceito de Decolonidade nos ajudará a fazer as conexões necessárias para tal entendimento.

Quijano aponta para as questões de subalternidade que interferem inclusive no modo de vida e identidade das pessoas, sobretudo, os imigrantes que estão deslocados de seus grupos originários e povoam toda a América Latina. Um povo que, ao mesmo tempo, absorve e influencia as culturas tradicionais e vigentes.

O autor traça um paralelo do fenômeno com os mecanismos ideológicos que justificariam a cultura atual, que consideramos práticas de dominação históricas, corroborando as teorias de Santos. Ou seja, as práticas da modernidade alicerçadas ao poder econômico, político e social, bem como aos modelos perpetuados a partir da colonização dominadora, que é machista, racista, xenofóbica.

De acordo com Quijano, o processo de decolonização é fundamental para a valorização dos povos da América Latina e também daqueles que foram se formando entre si ao longo dos séculos na sociedade miscigenada. O autor alerta que o eurocentrismo extrapola a prática europeia e estende-se para aqueles que foram educados nessa perspectiva e a reproduzem.

Assim, decolonizar é combater o colonialismo, o eurocentrismo, o capitalismo, o patriarcado, o branqueamento, a comunicação hegemônica e as práticas científicas questionadas por Santos e Quijano. E também valorizar a cultura, a comunicação popular e comunitária e o reconhecimento da diversidade do povo, independentemente do local onde estejamos no mundo. Em um “esforço coletivo”, em um pensamento pós-abissal⁵, como sugere Santos.

Ajudando-nos a refletir sobre ideal colonialista, o autor desvela o padrão dominador de uma América vista pelo seu lado norte, europeu, e que gerou a construção de um ideal étnico/racial. Ao mesmo tempo em que esconde a beleza ao promover uma padronização explora a diversidade através de práticas próprias do interesse do capital. Embora alerte que o fenômeno do eurocentrismo não é “exclusivamente perspectiva cognitiva dos europeus”, mas de “um conjunto de educados sob a sua hegemonia” (QUIJANO, 2009, p. 74-75), o autor nos leva a refletir sobre o papel da ciência no desenvolvimento do decolonial.

Ao mesmo tempo, o pensamento acadêmico foi se formando como uma reação do próprio saber científico. A reação é resultado da reflexão sobre a lógica exploratória econômica e cultural,

⁵ Ideia de diversidade epistemológica.

em uma desconstrução complexa e contraponto aos modelos arraigados. Afinal, a existência humana se apoia e se liberta do controle e da exploração, em suas facetas distintas, com a tomada de consciência, aceitação ou reação.

A capacidade e a força que serve um grupo para se impor a outros não é, no entanto, suficiente para articular histórias heterogêneas numa ordem estrutural duradoura. Elas certamente produzem autoridade enquanto capacidade de coerção. A força e a coerção, no olhar liberal, o consenso, não podem, contudo, produzir nem reproduzir duradouramente a ordem estrutural de uma sociedade, ou seja, as relações entre os componentes de cada um dos meios da existência social, nem as relações entre os próprios meios (QUIJANO, 2009, p.80).

Reproduzindo o autor, é importante reforçar que “todo fenômeno histórico social consiste na expressão de uma relação social ou de uma malha de relações sociais” (QUIJANO, 2009, p. 83). A partir das quebras de paradigmas – totalidade, racionalidade, pós-modernidade – não necessariamente rompe com estruturas, mas repercute na geração de sentidos dos fenômenos sociais.

Uma totalidade histórico-social é num campo de relações sociais estruturado pela articulação hegemônica e descontínua de diversos meios de existência social, cada um deles por sua vez estruturado com elementos historicamente heterogêneos, descontínuos nos tempos conflituosos (QUIJANO, 2009, p.85).

Ao debruçar-se sobre a realidade da América Latina, o autor questiona a promessa do desenvolvimento como se fora um sonho inatingível para a maioria do povo desses países tão distintos. Isso devido ao modelo exploratório do capitalismo, com seu padrão universal gerador do subdesenvolvimento.

Ao estudar o conceito de Estado Nação moderno, Quijano questiona os porquês da desigualdade que afeta a sociedade latino-americana e traz a resposta no padrão exploração/dominação/conflito, a partir da perpetuação do desequilíbrio dominador/dominado. Também lembra que esse debate se intensificou no pós-guerra, catalisado depois com a globalização.

Quijano propõe repensarmos o papel desse Estado Nação, da família burguesa e da racionalidade moderna, justificando que “a colonialidade do poder é o elemento central da sociedade da América Latina” (QUIJANO, 2000, p.87). Se a hegemonia se fortalece “em cada um dos meios da existência social”, principalmente da exploração do trabalho e suas relações desiguais, e é replicada “em qualquer dos outros meios, a autoridade, o sexo, a subjetividade, estão presentes” (QUIJANO, 2000, p. 79).

Na América Latina foram duas, como se sabe, as mais difundidas vertentes desse debate. A teoria da modernização, acumulada principalmente nos Estados Unidos e associada ao funcionalismo estrutural; a outra que poderia ser reconhecida como a

teoria do imperialismo capitalista, associada principalmente ao materialismo histórico⁶ (QUIJANO, 2000, p. 79).

Escobar complementa ao nos alertar ser preciso um olhar distanciado da epistemologia ocidentalizada e focada no plural. Concordamos com o autor que cada demanda local está conectada com o que foi herdado do passado e vivenciado na universalização das relações. Nesse contexto, a reação, talvez, estaria na compreensão do valor da diversidade das relações humanas entre si, com outros povos, com a natureza, a cultura, a economia local e o contraste com a cultura hegemônica.

A antologia política também nos ajuda a entender a persistências das antologias possessivas como se não fosse de sentido comum, da ‘ordem das coisas’, a visão do Mundo Mundial é resultado de certas práticas e decisões históricas (ESCOBAR, 2016, p.21).

Na mesma linha analítica, o autor sugere que o ideal de um mundo com paridade nessas relações poderia ajudar a sociedade a identificar “transições culturais e ecológicas para enfrentarmos a crise relacionado ao clima, alimentação, energia e pobreza” (ESCOBAR, 2016, p.21).

O caminho seria uma redescoberta do mundo, de dentro (interior) para o fora (exterior)? Assim, lança o desafio dos Discursos de Transição (DT) que, segundo Escobar “emergem com tal riqueza, diversidade e intensidade, que poderíamos propor um novo campo de ‘estudos de transição’ como um espaço emergente no contexto acadêmico-político” (ESCOBAR, 2016, p.25).

As relações de poder, segundo Quijano, permeiam “os interesses e as afinidades dos dominadores”. O que impacta nas relações com os dominados, inclusive ofuscando e confundindo os interesses.

3. A interculturalidade como ferramenta social

Mas como reverter as ideias seculares reproduzidas e perpetuadas? No caso da América Latina, entendemos que qualquer mudança passa pela promoção e difusão do conhecimento, partindo da cultura e saberes locais, que tanto promovem o sujeito, como a economia e o saber científico. Um dos caminhos, acreditamos, passa pelo conceito de interculturalidade, uma prática acadêmica que tem crescido nas últimas décadas, em especial na ciência latino-americana.

Nela, a epistemologia é diversa, plural, interrelacional e interseccional. Proposta que respeita os saberes, promovendo-os e divulgando-os de forma respeitosa, reflexiva, científica.

ElHajji é um dos teóricos que descarta a visão homogênea. Para o autor, um dos papéis da comunicação intercultural é pensar e formar novos quadros epistemológicos, inclusive a partir dos

⁶ Tradução nossa.

sinais deixados e levados pelos diferentes povos e a população migrante. Segundo ele, um conhecimento de natureza tripla: social, política e científica e forma de comunicação que possibilita:

Uma maior transparência aos projetos sociais, políticos e culturais dos grupos constitutivos da sociedade multicultural (grupos étnicos, culturais, confessionais ou/e nacionais), evitando assim amalgamas, desconfiança desnecessária, suspeitas infundadas e preconceitos disfarçados (ELHAJJI, 1988, p.3).

Construção de saberes que, para o autor, passa por outro conceito fundamental nessa construção, o da Alteridade, e também da valorização da mídia comunitária. Elhajji afirma que a construção secular do saber científico nos alerta que “o fato intercultural é central para qualquer esforço de compreensão das transformações sociais em curso” (1988, p. 6).

Para isso, defende o “duplo valor sócio-científico” da comunicação intercultural. Tanto pela sua “interface social intercomunitária” quanto seu quadro epistêmico.

A CIC pode oferecer um plano reflexivo altamente operacional, seguro e confiável para manobras teóricas inéditas e audaciosas, capazes de trilhar profundamente a complexidade sociopolítica da época contemporânea e retrair de modo bastante fiel o emaranhado geocultural da era global (ELHAJJI, 2006, p. 8-9).

Sugerindo que a globalização também gerou mudanças nas relações, o autor atesta que “à medida que se configure uma nova esfera étnico-cultural transnacional, se torna mais problemática a desvinculação do universo simbólico inicial ou o afastamento das comunidades ‘irmãs’ espalhadas pelo mundo” (ELHAJJI, 2006, p.9). O fenômeno da ausência de fronteiras é mais processual do que geográfico e acarreta na formação de novas identidades, segundo o autor, transacionais e que, acreditamos, também sejam legítimas e devem ser consideradas em seus (novos) contextos culturais.

A teoria da globalização, através de seus principais formuladores, não deixou de chamar a atenção sobre essa correlação dialética existente entre o processo de globalização e a tendência generalizada de des/reterritorialização e de reenraizamentos locais, particulares e transnacionais (ELHAJJI, 2006, p.10).

Como sugere Santos, são muitas as constatações e mais ainda os questionamentos. À ciência caberia tentar responder às perguntas debruçando-se na “ecologia dos saberes” visando uma nova epistemologia.

Quijano nos ajuda a repensar o que somos, libertando-nos do passado colonial, identificando e reforçando valores que nos fazem diversos. ElHajji nos convida a refletir sobre essa nova dinâmica social, resgatando culturas e identificando novas identidades.

O pluri-pertencimento identitário, nessa perspectiva, não significa a superação ou a negação dos deveres cívicos locais do território de acolhimento, mas sim a conciliação sincera, honesta, generosa e igualitária entre os diferentes quadros simbólicos de identificação (ELHAJJI, 2006, p. 10).

Finalmente, para contextualizar a questão da imigração, inspiramo-nos em Abdelmalek Sayad que defende que “a imigração é um ato social completo” (SAYAD, 1988, p.15). Concordamos com o autor que não se trata apenas de um fenômeno migratório, mas multifatorial que, acreditamos, está intimamente relacionado à questão Norte-Sul Global levantada por Santos.

As fronteiras geográficas determinam o ser imigrante, assim como os limites sociais e culturais impostos a essa população. De acordo com o Relatório Mundial de Migrações 2020, 281 milhões de pessoas deixaram os seus países (imigrantes internacionais) apenas no ano de 2020⁷. Proporcionalmente, 3,6% da população mundial. Imigrantes que buscam subsistência e merecem reconhecimento.

O autor nos chama a atenção para a dissimulação do imigrante por ele mesmo e também as contradições vivenciadas, inclusive de provisoriedade. Um mundo permeado de legalidade/ilegalidade, inter-relacionamentos passados e presente, um universo de dúvidas, dívidas, conquistas e perdas.

Lembremos, contudo, que o Norte-Sul Global discutido aqui foi fomentado pela imigração que, no passado, tinha a proposta de colonização, de dominação e enriquecimento e que, de certa forma, ainda interessa à sociedade globalizada atual.

O imigrante, mais do que outro qualquer, é portador, tem sempre consigo ou junto de si a marca dos estatutos e das posições políticas, econômicas, culturais etc. ... representante de um país dominado, o que faz com que seja duplamente dominado como estrangeiro que deve morar e atuar num território de soberania estrangeira e à qual é estranho, e como oriundo de um país ele mesmo dominado (SAYAD, 1988, p. 241).

Considerações Finais

A leitura dos autores, a construção coletiva do saber, a reflexão do passado e presente nos leva a acreditar que o dinamismo social norteia o desafio da construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O saber científico, quando liberto de amarras doutrinárias e modelos ditados por interesses hegemônicos, propicia um leque de conhecimentos que podem gerar caminhos de construção coletiva.

Acreditamos ser urgente estudarmos a não autonomia social que vivenciamos no mundo moderno. Mas, se não cabe à ciência determinar os rumos práticos do desenvolvimento humano, é papel da academia estudar a Epistemologia do Sul, associá-la à Decolonidade e inspirar-se na Interculturalidade.

Embora estejamos distantes de agir sobre a dinâmica social, tornamo-nos participativos nessa construção de ideal da “evolução” social. Uma dinâmica feita de achados e – a cada um deles – redescobertas.

⁷ Relatório Mundial de sobre Migração 2020.

Com Souza Santos, Quijano e ElHajji e cada um dos muitos pesquisadores da área da comunicação voltados para a América Latina, somaremos em achados que poderão ou não confrontar-se ao poder hegemônico, desvelando diversidades que são, sem dúvida alguma, a verdadeira riqueza de um mosaico cultural das expressões humanas.

Souza Santos nos instiga a refletir com a história, Quijano a desconstruir a mesma e ElHajji a valorizar o seu resultado, na medida do possível. Um desafio a todos nós, acadêmicos, e alento se pensarmos que a sociedade pode construir e desconstruir modelos sociais.

Mesmo que essa dinâmica implique em conflitos, dores, explorações, perdas, sempre haverá resgates e oportunidades. O nosso desafio maior, acredito, será derrubar o mito de que a sociedade estará sempre separada em seres superiores e inferiores que, na verdade, seriam exploradores e explorados dentro da lógica das relações de trabalho inerentes ao colonialismo e capitalismo. Hoje, atualizados pelo universo virtual e o neoliberalismo.

Acredito fortemente que esses conceitos nos ajudam a encontrar um novo ponto de partida – ou recomeço – em busca de objetos de pesquisa que vislumbrem realidades outras e caminhos de saberes que impactem não apenas na manutenção de culturas, mas de sobrevivência econômica. E a comunicação, acredito, deve ser protagonista nessa busca.

Não se trata de negar a evolução, a tecnologia, ou até mesmo as oportunidades advindas com a globalização, pelo contrário, devemos nos utilizar dessas ferramentas para repensar o processo colonial e, na medida do possível, reverter as suas consequências na sociedade dita moderna. Sobretudo, identificar o valor da cultura e saberes dos povos originários e dos imigrantes no resgate histórico que se perdeu com o processo exploratório.

Acredito que também é papel da academia valorizar os múltiplos objetos dessa grande esfera pública mundial. Para isso, reduzi-los a objetos de pesquisa que vislumbrem os diferentes fenômenos e saberes universais, que caso não contribuam com o todo, certamente o farão melhor. À ciência cabe redescobrir, decolonizar, investigar e comunicar.

As reflexões contidas neste artigo nada mais são do que um ponto de partida de reflexão e busca da construção de saberes. Espero, a partir da minha contribuição de pesquisa, ainda em desenvolvimento, dar um passo na valorização do trabalho das mulheres imigrantes da América Latina, que são o meu objeto de estudo. Imagino a diversidade de conhecimento de cada uma dessas trabalhadoras e o impacto que esses saberes poderiam causar ao contribuir e otimizar os diferentes processos. Para mim, estudar, a partir das Epistemologias de Sul, é um ponto de partida para um novo olhar, que cria novos sentidos. A busca por entender, identificar e redescobrir, valorizar, partilhar e contribuir e, principalmente, tomar posição através da ciência.

Espero que, por meio da leitura deste artigo, eu tenha conseguido lançar um convite aos novos pesquisadores latino-americanos que, como eu, se inspiram em nomes já consagrados.

Tomara que nós possamos olhar para a realidade vivida, as subjetividades e expor cientificamente esse potencial tão vasto, rico, diverso. Quem sabe, assim, o Sul geográfico será visto e ouvido e impactado pelo Norte.

Mais uma vez, ressalto que este artigo é uma reflexão, um convite, um desejo de saber mais a respeito. Acredito que a academia é um caminho e os pesquisadores latino-americanos têm papel protagonista na construção de conhecimento. Afinal, toda mudança passa pela promoção e difusão do conhecimento, partindo da cultura e saberes locais, que tanto promovem o sujeito como a economia.

Referências bibliográficas:

DIAS, Diana. Mundo registrou cerca de 281 milhões de imigrantes internacionais ano passado. **ONU News**. Perspectiva Global Reportagens Humanas. Publicado em: 1 dez.2021.

Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272#:~:text=Pesquisar-Mundo%20registrou%20cerca%20de%20281%20milh%C3%B5es%20de%20migrantes%20internacionais%20no,BR&text=OIM%20revela%20que%20Covid%2D19,%2C%20Timor%2DLeste%20e%20Mo%C3%A7ambique>. Acesso em: 25 jul.2022

DUSSEL, Enrique. **O Encobrimento do Outro**: a origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, [1994], 1993.

ESCOBAR, Arturo. Sentipensar com la Terra: Las Luchas Territoriales y La Dimension Ontológicas de las Epistemologias del Sur. In: **Revista de Antropologia Iberoamericana**, 2016.

ELLHAJJI, Mohamad. Comunicação Intercultural: Prática social, significado político e abordagem científica. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação**, 2006. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e_de_las-compos/article/view/86. Acesso em: 22 jul.2022

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do sul**. 2009.

QUIJANO, Anibal. El fantasma del desarrollo em América Latima. **Revista Venezolana de Economía Y Ciencias Sociales**, 2000, v.6, n. 2, (mayo-agosto), p.73-90.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para Além do Pensamento Abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?lang=pt>. Acesso em: 25 jun.2022.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, SA, 2009.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração** - e os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1988.